WAGNER SILVA

VOCÊ É UMA IGREJA SEM PAREDES

O iniciado da luz

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, CÁTIA DA SILVA BARBOSA , pela dedicação, apoio moral e companheirismo, incondicionais, que sempre estiveram presentes ao meu lado, nas horas mais difíceis de minha vida.

Ao meu padrinho, Fileto Mariano, que me direcionou quando dos meus primeiros passos no caminho de minha expansão de consciência, quando fui por ele iniciado. Que sua essência, cheia de luz, possa brilhar para sempre dentro do universo de

sabedoria em que se tornou sua vida.

Aos amigos que ficaram no cárcere, eles que me ajudaram a enxergar a verdade como ela realmente é.

INTRODUÇÃO

"você é uma igreja sem paredes" fala sobre a passagem do autor por uma prisão militar, após este ter sido condenado de forma injusta pelo poder judiciário. A obra, que foi escrita dentro de sua cela, traz uma história baseada em fatos reais ocorridos com o autor para mostrar aos leitores, independente de seus credos, que somos uma igreja sem paredes, ou seja, somos por si mesmos uma instituição enquanto seres espirituais vivendo uma experiência carnal. A definição IGREJA significa que somos o templo onde habita o grande Deus eu sou, já a definição SEM PAREDES nos remete a ideia de não termos confinamentos ideológicos ou mesmo físicos que nos limitem na nossa trajetória a evolução espiritual e a expansão de consciência, pois todos nós somos um só, assim como o Cristo ensinou que ele era um só com o pai, o que também reflete a uma das leis universais do caibalion, do mentalismo.

O trabalho aqui realizado é destinado a alcançar todas as mentes que tem fome do conhecimento e tem sede da verdade. A trajetória do personagem mostra sua luta por uma evolução espiritual dentro de um sistema prisional, e isso remete o leitor a meditar sobre sua própria evolução dentro do contexto social onde vive. Além disso, as reflexões apresentadas aqui trazem à tona uma discussão sobre religiosidade, espíritualidade e

esoterismo, suas interligações e entendimentos.

A presente obra, não tem como intenção atacar, ou mesmo macular a imagem de nenhuma pessoa, ou instituição. Apenas prima pela reflexão racional sobre a vida humana e sua natureza espíritual, pois o homem é um espírito vivendo uma experiência carnal.

Durante a história, a personagem, que deu um nome fictício diferente do do autor, experimenta a mudança de seus valores e vislumbra um novo objetivo a ser alcançado em sua vida, a expansão de sua consciência. Na narrativa utilizada para demonstrar a história alguns fatos foram modificados para trazer para o leitor a real ideia da diferença entre dois polos de realidade, quais sejam, espiritual e material.

PRÓLOGO

Este livro foi escrito, baseado em fatos verídicos vividos pelo autor. Porém, algumas das personagens, lugares e instituições narradas nesta história, foram alterados de acordo com a sua imaginação. As pessoas que lerem esta obra encontrarão uma reflexão a respeito de diversos fatos relacionados com a vida humana na Terra e em outros planos de existência..

A história fala sobre o cumprimento de pena de um policial que foi condenado e enviado a uma instituição penal militar

Desiludido, ele abandona os valores da vida material e busca a evolução do espirito, O diretor da prisão onde cumpre pena, é também membro da ordem esotérica a qual ele pertence, além de ser um homem possuidor de grande conhecimento e posição social. Porém, ele entra em conflito com o protagonista, desencadeando uma série de atitudes, cada vez mais distantes dos ideais de sua instituição. O livro fala também de peculiaridades vividas

pelos policiais militares, dentro e fora da prisão militar, a qual é destinada a acautelados pertencentes aos quadros da PM, dando foco ao preconceito sofrido por eles, advindo da sociedade a que servem.

Dentro da história, aparecem diversos conceitos relacionados a religiões existentes em nosso meio social. Mas as considerações feitas, sobre qualquer uma delas, não traduzem a opinião pessoal do autor e nem os fatos reais que ocorreram em sua estadia na prisão e foram usadas na obra apenas para ilustrá-la.

Tudo isso deve ser considerado fruto da sua imaginação. Os nomes de pessoas e lugares, foram trocados, deliberadamente e qualquer semelhança com fatos reais, será mera coincidência.

VOCÊ É UMA IGREJA SEM PAREDES
O INICIADO DA LUZ

CAPÍTULO I

Ele abriu seus olhos, lentamente, quando suas narinas captaram o cheiro incômodo que rodeava o ambiente onde se encontrava. Sua mente ainda não conseguia processar os acontecimentos que haviam se desenrolado há momentos atrás, antes que ele adormecesse naquele cubículo em que se encontrava. O calor era insuportável, causava uma sensação horrível de impotência, mesclada em desespero. Sua mente agora já podia catalogar a realidade que estava vivendo no plano material e que insistia em aprisioná-lo naquela situação. Começou a tentar controlar suas emoções, tentando relaxar a musculatura de seu corpo físico e esvaziando sua mente de qualquer pensamento que não fosse compatível com sua atitude mental.

Havia sido ensinado pela ordem da luz a esvaziar sua mente de toda impressão tridimensional do mundo e o cercava. Aprendeu o

quê todas as coisas identificadas pelos seus cinco sentidos eram na verdade ilusão. A medida que praticava seus exercícios esvaziando a sua mente, ficava cada vez mais fácil de atingir o estado mental que precisava para se conectar a outras dimensões.

É claro que ante aquela etapa de desconforto encontrava maior dificuldade de se concentrar a fundo. Mas continuou a se empenhar em seu intento, quase conseguindo um pequeno alívio que, posteriormente, entendeu ser advindo de seu eu psicológico. Após alguns momentos de mente esvaziada,

pensamentos, quase automáticos, começaram a brotar em sua mente. No início, eram apenas imagens de lembranças mas, pouco a pouco, foram se transformando em "vídeos" de passagens que ainda não havia vivido, pelo menos, não em sua vida material. A cada vez que fazia seus exercícios para esvaziar a mente, sentia maior controle sobre ela, como se a chegada ao seu objetivo estivesse cada vez mais perto.

William Shaw era um detento na prisão militar do BEP, Batalhão Especial Prisional, que podia ser classificado como exemplar. Ao menos aos seus algozes, que nunca tiveram que se preocupar com aquele homem. Cada vez mais parecia se tornar passivo a tudo de ruim que existia na realidade de um apenado que se encontrasse naquela unidade prisional. Por vezes, tinham mesmo que abrir a pequena janela, na portada cela, para se certificarem de que ele se encontrava realmente vivo. Quando eles saíam para tomar seus "banhos de sol," na quadra do presídio, os outros presos ficavam perplexos por vê-lo sentado em algum canto da quadra, na posição de lótus, aparentando estar totalmente alheio ao que se passava à sua volta. De vez enquando, brincadeiras maldosas o tiravam de seu estado "vegetal" e faziam com que seus companheiros de prisão tivessem um pouco de diversão para quebrar a rotina de suas vidas monótonas.

Foi depois de uma dessas brincadeiras que isso o levou a pedir para falar com o diretor Belchior, na manhã seguinte ao ocorrido.

– Pô William, que tu tá querendo fazer, rapaz? – Perguntou o guarda da prisão ao solicitante.

– Nada, “meu chefe”, só queria fazer-lhe um pedido simples, que inclusive, deverá trazer menos trabalho para vocês, disse ele.

Ao ouvir aquilo, o guarda se apressou a falar o quanto antes com seu chefe, contando-lhe o que havia ouvido do preso. Belchior, o diretor do presídio, era um homem vivido, que havia começado a trabalhar no presídio ha vinte anos como guarda e pouco a pouco fora galgando uma carreira meteórica, que o colocara como superior hierárquico e especialista em gerenciar conflitos dentro do sistema prisional militar. Aí ouvir o guarda Coçou a sua cabeça calva e depois, pondo a mão em cima de sua boca carnuda e pálida, começou a meditar no que seu subordinado havia lhe contado. Sabia de todos os “truques” que, por vezes, os detentos costumavam usar para se beneficiarem em alguma coisa dentro de seu presídio. Se um dia tivesse que escrever um livro sobre como gerenciar uma situação qualquer em uma cadeia como aquela, começaria escrevendo um capítulo gigantesco sobre o comportamento de um militar apenado e suas nuances comportamentais, que segundo acreditava, eram “as letras das frases” que formariam, com toda a exatidão, as histórias que aconteceriam no futuro com aquelas pessoas. Por isso mesmo, estava intrigado. Já havia reparado no comportamento daquele detento e nunca conseguira ver nada que trouxesse alguma informação, sobre qualquer coisa ou de qualquer natureza que ele pudesse querer.

– Traga-o até mim Olímpio! Disse ele ao guarda. Vamos ver o que esse cara quer!

Esperou o homem sair de sua sala e olhou para o relógio. Vivia preocupado com o tempo. Sua vida era, quase sempre, cronometrada por ele mesmo que fazia questão de ser pontual e

compromissado com seus afazeres, como achava que um bom militar deveria ser. Pelo menos, assim ele pensava. Imaginou que iria gastar quinze minutos com aquela conversa, mais 10 minutos que Olímpio levaria para trazê-lo até sua sala e talvez 5 minutos para deliberar o pedido que o rapaz fizesse a ele, isso se assim Belchior achasse viável concedê-lo. Tudo isso o deixaria em uma situação cômoda, para atender a sua amante Taís, às onze horas, quando a levaria para comer e depois, bem, faria um cálculo temporal, para saber o que iria fazer após o almoço.

Foi pensando naquela luxúria que se sobressaltou ao ouvir baterem a porta de sua sala, anunciando que sua próxima agenda teria início.

– Entre, pode entrar! – Disse ele, ajeitando seu uniforme.

Olímpio entrou primeiro e logo após o preso, um homem de seus 40 e poucos anos, magro, com braços e pescoço longos, postura ereta e olhar profundo. Algo aconteceu de estranho ao Belchior encarar o olhar daquele detento. “Era como se, de repente, ele perdesse a sua capacidade de leitura de pensamentos”, que usava para ler “as frases” nas histórias do futuro dos presos. Aquele olhar não era malicioso, ou tendencioso, nem... Bem..., Aquele olhar simplesmente, emitia uma coisa diferente de tudo que já havia visto, não só ali naquele lugar, mas em qualquer lugar onde seus pés já haviam tocado.

– Sente-se William. – Disse, apontando a cadeira a sua frente.

William sentou-se na cadeira de madeira acolchoada e revestida com couro vermelho, que estava frente à mesa de Belchior. Os móveis de seu escritório eram detalhadamente

escolhidos por ele. Pois acreditava que a maneira como mobiliava e decorava seu local de trabalho influenciava diretamente no diálogo e consequentemente, na persuasão de qualquer pessoa que ali se apresentasse para discutir algum assunto com ele, fosse ele um detento ou não. Era uma sala revestida por madeira, com quadros pendurados simetricamente nas paredes que exibiam sempre motivos de austeridade e força. Sua mesa parecia uma bancada de cirurgia de um hospital avançado. Obedeciam a um ritual de posicionamento que ele impunha à sua secretária, todos os dias, quando ela a arrumava. Belchior ficou alguns instantes encarando os olhos daquele homem, tentando impressioná-lo ou até intimidá-lo, antes de perguntar- lhe o que desejava dele.

– Então... A que devo a honra desta entrevista?

– Disse ele, forçando um ar solícito e preocupado.

William olhou para aquele homem Houve uma breve pausa, antes de começar a falar.

– Bom dia, senhor Belchior! Obrigado por me receber neste momento. Porém… Quero que saiba que o elogio de sua declaração não é, de maneira nenhuma, verdadeira!

Disse isso de uma maneira calma e fluente, sem nenhum traço de ironia ou mesmo de sarcasmo em sua voz.

– Mas, como...? Porque você está se comportando desta maneira deseducada, militar? Por acaso, pensa estar falando com alguém de sua família, ou íntimo seu?

Sem alterar nem um músculo de sua face, William, sem deixar de fitar seu interlocutor, retrucou com sua voz sempre

serena.

– Sei que entende o que acabei de lhe dizer. Disse que a recíproca não era a mesma, pois o Senhor de maneira alguma se sente honrado em me receber, nem tão pouco tem a intenção de me dar uma atenção privilegiada e apesar de precisar de seu aval para o que vim lhe solicitar, não me permito ser um coadjuvante em uma mentira, pois todas as ações que praticamos, um simples piscar de olhos que seja, cria repercussões automáticas em nosso universo o qual, diga-se de passagem, já está com muitos problemas para comportar mais esse.

Belchior parecia ter sido acometido de um ataque cardíaco. Começou a suar e seu rosto estava vermelho como um tomate, quando bravejou.

– Olha aqui, seu "babaca", estava mesmo disposto a te ouvir com respeito, mas vejo que me enganei sobre você. Você não passa de um desses criminosos que existem aqui dentro e que não têm respeito por ninguém, nem mesmo por si próprio. Não lhe darei benefício algum que você me pedir, nem hoje, nem em ocasião alguma que você me peça de novo. Saiba que quem manda aqui nesta prisão, sou eu. Eu decido o que pode e o que não pode ser feito em suas vidas e você jogou fora toda e qualquer possibilidade de conseguir, seja lá o que for de mim.

Ordenou ao guarda que retirasse o preso da sala e o levasse de volta à sua cela. Ao ser puxado pelo braço, William, sempre sem se alterar, balbuciou:

– Espero que o seu tempo seja o suficiente para aproveitar bem sua companhia no almoço!

Belchior ficou atônito, mas não respondeu a declaração daquele homem. Ao invés disso, olhou mecanicamente para seu relógio e constatou que 45 minutos haviam passados, desde que o consultara anteriormente.

– Impossível! – Deixou escapar.

Não compreendia como tinha se descontrolado tanto a respeito do tempo, a ponto de deixar passar vinte minutos além do esperado. E nem mesmo, como havia gasto tanto tempo para deliberar alguma decisão sobre o pedido do preso, quando antes, havia planejado em gastar cinco minutos apenas. Acordou de seu espanto e olhou mais uma vez para seu relógio, pegando o telefone ao mesmo tempo e discando para Taís, sua amante há oito anos, que deveria estar louca de raiva por esperar tanto pelo contato que, só agora, estava sendo feito.

. – Taís? – Falou com a voz sufocada.

– Oi! Meu amor. Desculpe-me a demora, mas você sabe né? O trabalho aqui é totalmente atípico e nem sempre, podemos seguir o plano que fazemos sem esbarrarmos em algum óbice.

Acabou de recombinar seu encontro com a moça e desligou o telefone. Sentou-se em sua cadeira e ficou olhando para o nada. Será que alguém sabia sobre seu caso amoroso, ali naquela instituição? Pensou em sua secretária, mas ela, mesmo que soubesse de algo, não seria capaz de revelar nada a ninguém, sobre tudo a um preso, ou mesmo a alguém que pudesse contar a ele depois. Resolveu deixar suas preocupações com aquilo de lado e se preparou para sair ao encontro da moça, com quem havia combinado de se encontrar na esquina da Rua do mercado, com a santista. Saiu de sua sala e fez algumas recomendações a

sua secretária, a qual reagiu impassível aos seus olhares investigadores.

Dentro de sua cela William se dedicava, mais uma vez, a sua busca esotérica, procurando se lembrar dos ensinamentos adquiridos em um passado recente. Tentava agora focalizar sua atenção em um pensamento em particular. Por vezes, as gotas de suor de seu corpo o tiravam de concentração, quando estas escorriam por alguma curva de seus músculos. Imaginou o universo contido em uma daquelas gotas. Começou a meditar sobre como o nascimento daquilo, que antes fazia parte de seu corpo aconteceu. Na energia que havia sido empregada para que ela se libertasse por seus poros. Nos elementos microscópicos que existiam dentro daquela gota e mais ainda, se ali dentro daquele universo, alguma existência similar a sua estaria se libertando, naquele mesmo momento de sua prisão, ou seja, do seu próprio corpo. E ele? Seria também como uma gota presa em um corpo que em um lapso temporal, iria se libertar? Que energias seriam responsáveis por isso? Pensou então, que no caso da gota de suor, o calor de seu corpo e a energia de seu metabolismo era, ou seriam, os responsáveis por aquele fenômeno. Lembrou que energias, que não entendia ainda também interagiam com seu ser, no universo em que vivia. Ou seja, seu corpo poderia estar dentro de um outro corpo que, da mesma forma que o seu, interagiria diretamente em seu ser, de uma forma consciente ou não. Tinha aprendido que o universo é um todo. Todas as coisas que faziam parte dele estavam interligadas por um determinado laço muito forte, mas ao mesmo tempo, muito delgado, onde as energias circulavam de forma constante e vital, de ser para ser, de paralelo a paralelo, dando continuidade a um ciclo perfeito e providencial que fazia com que a existência se perpetuasse. Foi assim que entrou no

plano astral, quebrando a ligação com o mundo material em que estava e mergulhando no mais profundo de sua mente, que era possuidora da chave que abria a porta de passagem para outras dimensões. Já não era mais William, era simplesmente... Todo o universo.

Belchior havia acabado de acender um cigarro e se entregava naquele momento, aos seus pensamentos. Sentado onde estava, podia contemplar o corpo desnudo daquela mulher com quem mergulhara nos prazeres da luxúria e de quem obtivera momentos de puro êxtase, minutos atrás. Sim! Ela era mesmo uma linda mulher. Sua cor morena que se contrastava com os cabelos claros, cor de mel. Suas pernas grossas e bem torneadas que eram cobertas de uma "penugem" colorida por blondo e que acentuava ainda mais a marca de sol, deixada por seu biquíni minúsculo. Duas covinhas demarcavam seu corpo logo acima de suas nádegas redondíssimas e mesmo depois de saciado de prazer, não conseguia evitar os pensamentos de desejo que, naquele momento, o assolava sobremaneira. Não a amava, era verdade, seu amor pertencia a sua esposa, Laura, que conhecera ainda adolescente e que o ajudara a chegar até aonde chegou, tanto em sua carreira, como em sua vida social. Lembrou-se de quando viu Taís pela primeira vez. Ela fora visitar um irmão seu que se encontrava preso e como seu visto de entrada estava expirado, pediu para falar com o diretor do presídio, para que este autorizasse sua entrada, só naquele dia. Belchior assentiu em recebê-la, muito a contragosto, mas quando se deparou com

aquele monumento à beleza feminina em sua sala, sua firmeza e disciplina caíram ao chão. Percebendo o efeito que causara no diretor, Taís resolveu se aproveitar do charme de seus encantos e com um sorriso demolidor, marcou de vez sua presença na vida daquele homem, que desde então, se tornara escravo de seus desejos e caprichos. Mas só começaram a sair juntos depois que ele se surpreendeu com ela em uma festa, onde a encontrou como garota de programa, contratada para divertir os convidados. O tempo foi passando, eles continuaram a se ver e aconteceu o que acontece com todos os amantes. Eles se tornaram, pouco a pouco, um casal paralelo, com quase todos os defeitos e virtudes que envolvem um casamento normal. Os ciúmes, as declarações de amor, as promessas, a entrega, o sentimento de posse... Chega a um ponto que fica muito difícil viver um sem o outro. Suas vidas estavam entrelaçadas, seus destinos interligados, suas almas fundidas. Em alguns casos, uma das pessoas se cansa e não consegue viver mais dividindo o parceiro com seu cônjuge. Daí então, há o rompimento, sempre traumático e a vida, como sempre, volta ao seu normal. Mas há aqueles casos em que esse sentimento de posse resulta em uma tragédia, vitimando uma das partes ou mesmo os seus filhos. Belchior considerava que a traição conjugal era coisa para homens. Fora criado de uma maneira machista por seu pai, que acreditava que homem que era homem, deveria ter pelo menos duas famílias. Belchior não era tão radical, mas as impressões deixadas por seu pai em sua infância eram muito fortes e ele sabia que isso, associado a sua índole natural, era um dos principais motivadores de seu comportamento lascivo. Mas, como era um homem dedicado ao estudo, havia construído uma justificativa científica para seu desvio social. Em sua concepção, a natureza biológica do homem, onde ficou comprovada,